

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**SAMIRA VIEIRA FERNANDES**

**A DESTRUIÇÃO DE BIBLIOTECAS NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA**

**RIO GRANDE / RS**

**2017**

**SAMIRA VIEIRA FERNANDES**

**A DESTRUIÇÃO DE BIBLIOTECAS NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA**

Trabalho com pré-requisito para trabalho de conclusão do curso de Biblioteconomia, sob a orientação da Professora Geise Ribeiro da Silva.

RIO GRANDE / RS

2017

F363d

FERNANDES, Samira Vieira.

A destruição de bibliotecas no período da Idade Média/  
Samira Vieira Fernandes, 2017.  
40 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Bacharelado em  
Biblioteconomia, Rio Grande / RS, 2017.  
Orientadora: Geise Ribeiro da Silva

1. Bibliotecas. 2. Idade Média. I. Silva, Geise Ribeiro da. II.  
Título.

CDU 025.855

Catálogo na fonte: Bibliotecária Claudia Maria Gomes da Cunha CRB/1942.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A DESTRUIÇÃO DE BIBLIOTECAS NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA

Samira Vieira Fernandes

Trabalho apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada por

---

Prof.<sup>a</sup> Geise Ribeiro da Silva – orientadora

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Curso de Bacharelado em Biblioteconomia – FURG

---

Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva

Doutor em Informació n y documentació n Sociedad Conocimiento pela Universitat de  
Barcelona  
Curso de Bacharelado em Biblioteconomia - FURG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica Conceição Dias Miranda

Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de  
Santa Catarina  
Curso de Bacharelado em Biblioteconomia - FURG

Aprovada em:

Grau:

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu filho Ricardo Frederico e ao meu pai.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família por me dar todo o suporte que necessitei, a minha orientadora Geise pela paciência e compreensão que teve comigo, a Prof. Angélica Miranda por nunca desistir de mim.

## **EPIGRAFE**

“Não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra cabeça que as futuras gerações tentarão remontar”.

Battes (2003)

## RESUMO

A Idade Média é uma fase da História em que houve muita produção e textos e, ao mesmo tempo, com enorme destruição de obras intelectuais. Esse material perdido reflete perda da memória cultural, social, educacional, política dessa e de épocas anteriores. O objetivo desse trabalho é identificar quais as bibliotecas sofreram destruição, parcial ou total, no período histórico da Idade Média. Especificamente, se busca resgatar as características destas bibliotecas que sobreviveram, pelo menos, em parte desse período e identificar as formas com que houve as destruições. Esta pesquisa tem abordagem qualitativa, natureza básica, objetivos exploratórios, procedimentos de coleta de dados bibliográficos. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação, o Google Acadêmico e o Catálogo de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande. Como resultados, destruição das bibliotecas: Biblioteca de Alexandria, Biblioteca de Monte Cassiano, Biblioteca de Cesaréia, Biblioteca do Conde Laurêncio, Biblioteca Al Hakam, Biblioteca Pico dela Miranda, Biblioteca Alamut, Biblioteca Gregório I, Biblioteca Fulda, Biblioteca Glastonbury, Biblioteca do mosteiro de Megapisleon, Biblioteca da Igreja de Todos os Santos, Biblioteca Cantuária e Biblioteca Eustacio Boilas. Entretanto, dentre estas bibliotecas a que se destaca é a de Alexandria por ser a mais volumosa e esplendorosa, mas também por ser a Biblioteca com mais tempo de “sobrevivência”.

**Palavras-chaves:** Bibliotecas medievais. Destruição de bibliotecas. Idade Média. Preservação da memória.



## ABSTRACT

The Middle Ages is a phase of history in which there was much production and texts and, at the same time, enormous destruction of intellectual works. This material lost reflects loss of cultural, social, educational, political memory of this and previous times. The purpose of this paper is to identify which collections of libraries have suffered partial or total destruction in the historical period of the Middle Ages. Specifically, the aim is to recover the characteristics of the surviving collections for at least part of that period and to identify the ways in which the destruction occurred. This research has a qualitative approach, basic nature, exploratory goals, procedures for collecting bibliographic data. The research instruments used were the Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (or "Reference Database of Periodical Articles in Information Science"), Google Scholar and the Library Catalog of the Federal University of Rio Grande. As a result, destruction of the following libraries: Library of Alexandria, Library of Monte Cassiano, Library of Caesarea, Library of the Count Laurentius, Library Al Hakam, Library Pico dela Miranda, Library Alamut, Library Gregorio I, Library Fulda, Glastonbury Library, Megapisleon Monastery Library, All Saints Church Library, Canterbury Library and Eustacio Boilas Library. However, among these libraries that stands out is that of Alexandria for being the most bulky and splendorous, but also for being the Library with more time of "survival."

**Key words:** Medieval libraries. Destruction of libraries'. Middle Ages. Memory preservation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jean Miélot dans son scriptorium.....	19
Figura 2 - Svenska: Sammankomst av doktorer vid universitetet i Paris.....	21
Figura 3 - Antique papyrus, showing the god Osiris and the weighing of the heart...24	
Figura 4 - Plimpton 322, Babylonian tablet listing pythagorean triples.....	25

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
1.1	Problema de pesquisa.....	12
1.2	Objetivos .....	12
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO .....	14
2.1	Idade Média.....	14
2.2	As Bibliotecas na Idade Média .....	17
2.3	Memória na biblioteca .....	22
2.5	Bibliotecário na Idade Média .....	26
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	Tipologia, método, abordagem e instrumentos de pesquisa .....	28
3.2	Procedimentos de coleta de dados e corpus de pesquisa .....	29
3.3	Descrição, análise e interpretação dos dados.....	30
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
<u>    </u>	REFERÊNCIAS.....	39

## 1 INTRODUÇÃO

A Idade Média é um período da história da Europa, que compreende cerca de um milênio, iniciando no ano 476 até o ano 1492. Ou seja, da deposição do último imperador romano, Rômulo Augusto, até a descoberta da América. (FRANCO, 2001).

A Idade Média, de acordo com Febvre (1992), pode ser considerada, na história do conhecimento, como o período em que se produziram muitos textos. O aumento dessa produção se deve às cópias reproduzidas por monges, à criação das universidades e à burguesia que se interessa por livros de áreas específicas do conhecimento, o que antes era apenas interesse dos intelectuais e dos membros da igreja católica. (FEBVRE, 1992).

Outra característica reconhecida, na Idade Média, é a perseguição a certas obras. Ao longo desse período, vários exemplares de livros e similares foram destruídos de diferentes formas (BÁEZ, 2006).

A Suméria, por exemplo, supera mais de cem mil livros destruídos, nesse período, devido a conflitos bélicos. Além disso, guerras entre cidades-estados eram comuns e provocavam incêndios, e em meio ao ruído dos combates, as tabletas caíam de suas estantes de madeira das bibliotecas e se partiam em pedaços ou ficavam ilegíveis. (BÁEZ, 2006, p.31)

Conforme cita Battles (2003, p. 51), “não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra cabeça que as futuras gerações tentarão remontar”. Numa biblioteca pode se esconder verdadeiros tesouros e quando é destruída o que há nela é perdido ou destroçado, então, anos mais tarde tenta-se, de alguma forma, recuperar as informações contidas nela.

A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros, e com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade. (CHARTIER, 1999, p. 23)

A partir disso, se pergunta o que foi perdido junto a esses livros. É sabido que

os livros foram considerados ameaça e, por isso, foram destruídos, em diferentes momentos históricos.

A investigação em torno das bibliotecas existentes na Idade Média se justifica por tratar-se de um período histórico em que houve muita produção e textos e, ao mesmo tempo, com enorme destruição de obras intelectuais. Junto com esse material há perda da memória cultural, social, educacional, política dessa e de épocas anteriores.

Resgatar as características das bibliotecas que sobreviveram, pelo menos, em parte da Idade Média, bem como, as formas em que foram destruídos, contribui para a percepção dos motivos pelos quais a memória é destruída, total ou parcialmente, através de danos nas bibliotecas. Este tema ainda é pouco discutido na área de biblioteconomia, tendo-se encontrado poucos artigos científicos, nessa temática, nos periódicos brasileiros.

Houve, ao longo da história, inversão do potencial da biblioteca. Conforme Chartier (1999), muitas vezes as bibliotecas foram tomadas como ambientes ameaçadores e por isso foram invadidas e destruídas, quando se buscou acabar com as ideias que estavam ali presentes. Assim, pode-se dizer que a sobrevivência no período da Idade Média, principalmente durante a Inquisição, dependia do grau ameaçador compreendido para cada biblioteca.

## **1.1 Problema de pesquisa**

O problema atribuído a esta pesquisa é: quais as bibliotecas que sofreram destruição, parcial ou total, no período da Idade Média?

## **1.2 Objetivos**

Os objetivos deste trabalho são os seguintes:

### **1.2.1 Objetivo geral**

Identificar quais bibliotecas sofreram destruição, parcial ou total, no período da Idade Média.

#### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) identificar as bibliotecas danificadas no período da Idade Média;
- b) discriminar as características dessas bibliotecas;
- c) e descobrir qual o perfil do Bibliotecário na Idade Média.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Conforme Minayo (2012) não haverá pesquisa científica sem a teoria, pois:

[...], o domínio de teorias<sup>1</sup> fundamenta nosso caminho do pensamento e da prática teórica além de constituir o plano interpretativo para nossas indagações de pesquisa, seja para desenvolvê-las, respondê-las, ou para, a partir delas, propor um novo discurso. (MINAYO, 2012, p. 19)

Esta seção do trabalho discursa sobre o período histórico da Idade Média, e suas divisões, sobre as bibliotecas encontradas nesse período e sobre a memória vinculada a seus livros.

### 2.1 Idade Média

A Idade Média, segundo Franco (2001), trata-se de um período da história europeia de cerca de um milênio, que se inicia no ano 476, com a deposição do último imperador romano, e tem seu término no ano 1492, com a descoberta da América.

Se numa conversa com homens medievais utilizássemos a expressão “Idade Média”, eles não teriam ideia do que estaríamos falando. Como todos os homens de todos os períodos históricos, eles viam-se na época contemporânea. De fato, falarmos em Idade Antiga ou Média representa uma rotulação a posteriori, uma satisfação da necessidade de se dar nome aos momentos passados. No caso do que chamamos de Idade Média, foi o século XVI que elaborou tal conceito. Ou melhor, tal preconceito, pois o termo expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI. Este se via como o renascimento da civilização greco-latina, e, portanto, tudo que estivera entre aqueles picos de criatividade artístico-literária (de seu próprio ponto de vista, é claro) não passara de um hiato, de um intervalo. Logo, de um tempo intermediário, de uma idade média. (FRANCO, 2001, p. 9)

Franco (2001, p. 77) aponta que “no século XVI alguns pensadores consideravam a Idade Média como um período decadente. Uma fase da História em

---

<sup>1</sup> Grifo da autora.

que, por conta da interferência religiosa, a ignorância predominou”.

Uma civilização é uma entidade cultural. Aldeias, regiões, grupos étnicos, nacionalidades, grupos religiosos, todos têm culturas distintas em diferentes níveis de heterogeneidade cultural. Além disso, afirma que as civilizações distinguem uma das outras pela história, pela língua, cultura, tradição e especialmente pela religião. (HUNTINGTON, 1996, p. 45)

Economicamente há divergências de opinião sobre essa época, Pirenne (1925) afirma que não houve modificação apenas uma redução devida à “Barbarização” dos costumes. Por outro lado, Norman Baynes ano diz que talvez a frota dos piratas dos vândalos tivesse destruído a unidade do mundo mediterrâneo no século V. Todavia, o velho sistema romano sobreviveu até a era carolíngia.

A Dinastia Carolíngia ou Carlovíngia é a designação dada ao período do reinado, durante a Idade Média, em grande parte da Europa, dos reis Francos que sucederam a Dinastia Merovíngia. (PIRENNE, 1925).

O feudalismo se iniciou com os sarracenos conquistando o Norte da África e Espanha no século VIII, foi a ineficiência do governo merovíngio o principal motivo para que existissem. (BAEZ, 2006).

Ainda, segundo Huntington (1996, p. 83), “a principal questão dos conflitos ideológicos da Idade Média consistia em “de que lado estás? ” E as pessoas podiam escolher, e escolhiam, o lado e mudavam depois”. Podemos inferir que a Idade Média foi um período de disputas de poder, de manipulações políticas e de censura.

Na história do conhecimento, o período da Idade Média se destaca no sentido do aumento significativo de textos. Inicialmente, impulsionado pelo trabalho dos monges copistas que se dedicavam muitas vezes em período integral, à reprodução de obras; em segundo lugar pela criação das primeiras instituições acadêmicas e bibliotecas; e em terceiro lugar o surgimento da classe burguesa que, ao lado dos clérigos e nobres, começa a se interessar por livros não só por obras de especialidades como direito, política ou ciências, mas também por livros “literários”, como por exemplo, os de edificação moral, romances e traduções (FEBVRE, 1992).

A Idade Média se divide em Alta Idade Média e Baixa Idade Média. As definições sobre cada fase desse período histórico serão expostas nas subseções seguintes.



### 2.1.1 Alta Idade Média

Antes de se falar sobre a Alta Idade Média, período entre os séculos V e XI, deve-se abordar a queda do Império Romano, pois foi a partir disso que se iniciou o período da Idade Média. A fase inicial da Idade Média é conhecida como Alta Idade Média.

O Império Romano teve o seu declínio após as invasões bárbaras em 476, quando o último imperador, Rômulo Augusto, foi deposto em quatro de setembro de 476. Uma característica desse período foi a formação de reinos independentes no final do século V - Reinos Franco, Hunos, Ostrogodo, Visigodo, Vândalo, Suevo, entre outros. (BATISTA NETO, 1989). Todavia, estes povos bárbaros eram administrados por uma nobreza formada por germânicos e descendentes que invadiram o Império Romano.

“No início da Alta Idade Média (séculos V-XI), as bibliotecas exerceram papel importante na formação da cultura medieval, período menos conhecido e mais desprezado, principalmente no século VI, época em que a cultura antiga estava ameaçada de desaparecer” (CHAGAS, 2010, p. 18).

Segundo Chagas (2010, p. 16), “a prática de leitura de entretenimento (poesia e livros de magia) do Mundo Antigo foi limitada apenas às Escrituras Sagradas no interior das Igrejas, dos claustros, das escolas religiosas, na Alta Idade Média”.

### 2.1.2 Baixa Idade Média

Segundo Batista Neto (1989, online): “A Baixa Idade Média é o período da História Medieval que vai do século XIII ao XV. Corresponde a fase em que as principais características da Idade Média, principalmente o feudalismo, estavam em transição. Ou seja, é uma época em que o sistema feudal estava entrando em crise”.

A Baixa Idade Média é vista como um período de estabilidade, pois não há mais invasões bárbaras como se tinha anteriormente, na Alta Idade Média. Nessa fase surgem às bibliotecas nas escolas e nas universidades. E por isso que as bibliotecas monásticas deixam de serem os únicos centros da vida intelectual.

Nessa época, nas bibliotecas universitárias, “os livros foram perdendo seu caráter de objeto sagrado e secreto”. (CHAGAS, 2010, p. 5)

Somente na era medieval é que a leitura tem como suporte o códex ou códice, cujo texto é organizado a partir de uma estrutura em cadernos, folhas e páginas. Esse formato, desde o manuscrito, já oferecia uma estrutura mais flexível, pois oferecia ao leitor maior liberdade às mãos e abreviava o tempo, permitindo uma mais vasta circulação do livro. O in-fólio, pela sua estrutura em grande formato, exigia, para seu manuseio, que fosse pousado em um móvel, daí ser conhecido como livro de bancada ou ainda, livro de estudo, da escolástica, do saber. (BRAGA, 2008, p. 2)

Os livros deixam de serem proibidos e ganham popularidade graças à Gutenberg. Na Idade Média os leitores não tinham uma variedade de obras para poderem ler e o cardápio básico de leitura consistia em obras de: Boécio e Agostinho. Todavia, “a Bíblia era facilmente encontrada em todas as bibliotecas e, com base em algumas bibliografias consultadas, era o livro mais procurado no período em questão.” (CHAGAS, 2010, p. 5)

Segundo Braga (2008, p. 132), “séculos anteriores, o livro era acolhido de forma autoritária, com uma impessoal pretensão de poder, fator indispensável de disciplina social a serviço das autoridades mundanas e religiosas”. Porém, a história nos mostra que antes da Idade Média e algum tempo após 1750, os homens liam “intensivamente”, mas possuíam poucos livros, como a Bíblia, por excelência; um almanaque, poucas obras de oração, lidas repetidas vezes, e profundamente absorvidas em suas consciências. Além disso, a Bíblia era o livro de mais tiragem na Idade Média e continua sendo até os dias de hoje (BRAGA, 2008, p.132).

## 2.2 As Bibliotecas na Idade Média

Cunha (1997, p. 138) afirma que “a palavra biblioteca é originária do grego *bibliothēke*, que chegou até nós através da palavra em latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente, significam livro e coleção ou depósito. Enfim, etimologicamente, significa depósito de livros”.

Segundo Martins (2002, p. 82), “três tipos de bibliotecas são características da Idade Média: as bibliotecas monacais, desenvolvidas dentro dos mosteiros e abadias, no início do período medieval; as bibliotecas particulares; e as bibliotecas universitárias, que se estabelecem no fim da Idade Média. ”

De acordo com Martins (2002, p. 72), “nesse período, as bibliotecas não

tinham um caráter público e serviam apenas como um depósito, sendo mais um local em que se escondiam os livros do que um lugar para preservá-los e difundi-los”.

Os grandes defensores dos livros na Idade Média foram os clérigos. Além disso, em 925 os bárbaros pretendiam aniquilar os monges e atear fogo no lugar o que ocasionaria a perda de milhares de livros, e para proteger os livros dos ataques os clérigos enterraram os livros (MARTINS, 2002).

As bibliotecas se destinavam apenas à minoria que frequente a conventos, mosteiros e palácios. Portanto, podemos afirmar que o livro na Alta Idade Média era de difícil acesso a maioria da população. Muito diferente do que acontece atualmente, em que se pode ter acesso a livro através da internet. Logo, torna-se difícil imaginar essa situação, em que o poder da informação nos é negado. Todavia, as bibliotecas universitárias só vão começar a surgir na baixa Idade Média, onde pode-se dizer que as informações começam a ganhar novos usuários.

A igreja era a grande detentora da informação e do conhecimento, caracterizando-se por dois modelos, a “igreja dos apóstolos” e a “igreja imperial de Constantino.

Assim, como ele o primeiro na terra como Deus o é nos céus, o imperador “diretamente investido por Deus” via sua autoridade estender-se igualmente ao clero e aos fiéis dessa igreja cujas fileiras ele integrava, de sorte que se tornou uma espécie de papa sem este título, mesmo sem celebrar o sacrifício eucarístico. Era ele que promulgava leis favoráveis aos cristãos, era dele que “os bispos recebiam cartas, honras e doações em dinheiro”. (ARNALDI, 2002, p. 567)

De acordo com Le Goff (2006, p. 97), “a excepcional longevidade do sistema feudal europeu deve-se, talvez, à surpreendente simplicidade do esquema sobre o qual repousava: afastando a priori os fatores de instabilidade e atribuindo a prioridade a fixação espacial dos homens”.

No que se refere à disseminação do conhecimento, uma das características marcantes da Idade Média é o trabalho dos monges copistas que se dedicavam, muitas vezes em período integral, a reprodução de obras, o que acarretou um aumento um aumento significativo no número de obras nas bibliotecas dos mosteiros. A imagem a seguir mostra um desses monges no trabalho:

Figura 2 - Jean Miélot dans son scriptorium



Fonte: Miracles de Notre Dame. 115 KB, jpeg

Sobre as bibliotecas da Idade Média pode-se destacar:

A Idade Média conheceu três espécies diferentes de bibliotecas: as bibliotecas monacais (e entre elas incluiremos, não só por afinidade como por suas origens históricas, a Vaticana), as bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares (mesmo as que eram constituídas pelos reis e grandes senhores pertenciam-lhe o título por assim dizer privado ou pessoal; só mais tarde é que, por força de uma evolução natural, elas se transformaram em bibliotecas oficiais e públicas). (SETTI, 2004, p. 46)

Cada um dos tipos de bibliotecas na Idade Média tem características que as diferenciam, seja pelos seus usuários, pelos livros ou pela constituição física. O que veremos a seguir.

### 2.2.1 Bibliotecas monacais

O autor Santos (2009, p. 6) afirma que “[...] durante o período medieval, mosteiros e conventos definiram-se como bibliotecas. E no diz respeito a localização dos livros eles ficavam em armários embutidos na parede e havia um grande medo de roubos de obras preciosas”.

Santos (2009, p. 6) ainda cita duas principais bibliotecas monacais: Biblioteca de Cassiodoro e a biblioteca de um mosteiro sírio, liderada por Moisés de Nisibis.

Na obra “O Nome da Rosa”, de Eco de 1983, conforme Paiva (2008):

[...] descreve com precisão de detalhes o cenário da biblioteca religiosa, a biblioteca monástica, existente na era medieval. Entendemos que a verossimilhança, presente/apresentada em uma obra literária é um recorte da realidade, pois se trata de uma construção artística. Entretanto a ideia da biblioteca religiosa medieval, como representada na obra de Eco, incorporou-se ao imaginário social, especialmente depois da conversão da obra em película cinematográfica, contribuindo assim para ampliar as possibilidades de sua difusão. (PAIVA, 2008, p. 159)

Martins afirma (1996, p.83), “a Biblioteca é o verdadeiro tesouro de um mosteiro; sem biblioteca, ele seria como uma cozinha sem caçarolas, uma mesa sem alimentos, um poço sem água, um rio sem peixes, uma capa sem roupas”. E da mesma forma que se conserva uma joia contra poeira, ferrugem deve se fazer com uma biblioteca sendo protegida contra a umidade, os ratos e os bichos (MARTINS, 1996).

Pode-se inferir que a Igreja, como sumidade da intelectualidade, pelo menos na fase da Alta Idade Média, constituía bibliotecas como apoiadoras da geração do conhecimento.

### 2.2.2 Bibliotecas universitárias

Segundo Morigi (2001, online), “[...] as bibliotecas universitárias surgiram na Idade Média, pouco antes do Renascimento. A princípio elas estavam ligadas às ordens religiosas, porém já começavam a ampliar o conteúdo temático além da religiosidade”. Conforme Chagas (2010, p. 5): “Enquanto os livros das bibliotecas monacais eram inacessíveis, nas bibliotecas das universidades eram disponíveis aos utentes, mesmo acorrentados às paredes”, amarrados a grossas correntes como forma de proteção desse material.

Da mesma forma como entendia a Igreja, as bibliotecas estavam nas universidades como facilitadoras do processo de aprendizado. Os livros subsidiava o ensino dos alunos e ajudava os professores a planejarem as suas aulas. Muitos desses professores se reuniam para estudar em conjunto, como a imagem a seguir

mostra, professores universitários em Paris:

Figura 3 - Svenska: Sammankomst av doktorer vid universitetet i Paris.



Fonte: COLLAULT, Etienne. Från Bibliothèque National. Paris: [S. I.], 1537.

Ainda de acordo com Morigi (2001, online), estas bibliotecas “[...] são as que mais se aproximavam do conceito atual de biblioteca como espaço de acesso e disseminação democrática de informação. O número de estudantes universitários aumentou, ocasionando o crescimento também da produção intelectual.”

“A biblioteca moderna rompeu os laços com a Igreja católica, estendendo a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros, com isso precisou se especializar para atender as necessidades de cada leitor” (MARTINS, 2001, p. 325).

A biblioteca da Universidade Sorbonne de Paris é um exemplo de biblioteca universitária, com origens nas ordens eclesiásticas, fundada em meados de 1170 (MORIGI, 2001, online).

### 2.2.3 Bibliotecas particulares

Muitos das primeiras bibliotecas privadas de Roma tiveram como base, livros provenientes de saques de guerra. Já na época de Cícero (106 - 43 a.C.), os romanos mais cultos podiam dispor de livros copiados de forma ortodoxa por escribas ou em muitos casos, escravos cultos vindos da Grécia. (BATTLES, 2003)

“Cícero, era dono de uma grande biblioteca particular. Tem-se ainda conhecimento de outras bibliotecas, no século V, que pertenceram a personalidades famosas, entre os quais: Quinto Aurélio Símaco, o gramático Cosentio”. (SANTOS, 2009, p. 179)

Segundo Santos apud Souza (2005, p. 179), “ao findar o período republicano de Roma (27 a.C.), existiam inúmeras bibliotecas privadas e, em muitas casas, em seus projetos de edificação eram incluídos em sua estrutura espaços próprios para bibliotecas”.

Todavia a única biblioteca particular da qual existem hoje, alguns vestígios, é a da famosa Vila dos Papiros, em Herculano, que permaneceu durante muitos séculos, oculta sob as cinzas da famosa erupção do Vesúvio, que a sepultou no ano de 79 (SANTOS APUD BATTLES, 2003, p. 179). Além disso, a biblioteca tinha um tamanho extraordinário contava com mais de dois mil rolos, o que nos leva a afirmar que mesmo as bibliotecas particulares de Roma, eram esplendorosas em relação as outras (BATTLES, 2003, p. 179).

## 2.3 Memória nas bibliotecas

O indivíduo lembra, por estar inserido na sociedade, visto que sempre possui um ou mais grupos de referência. A memória é sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

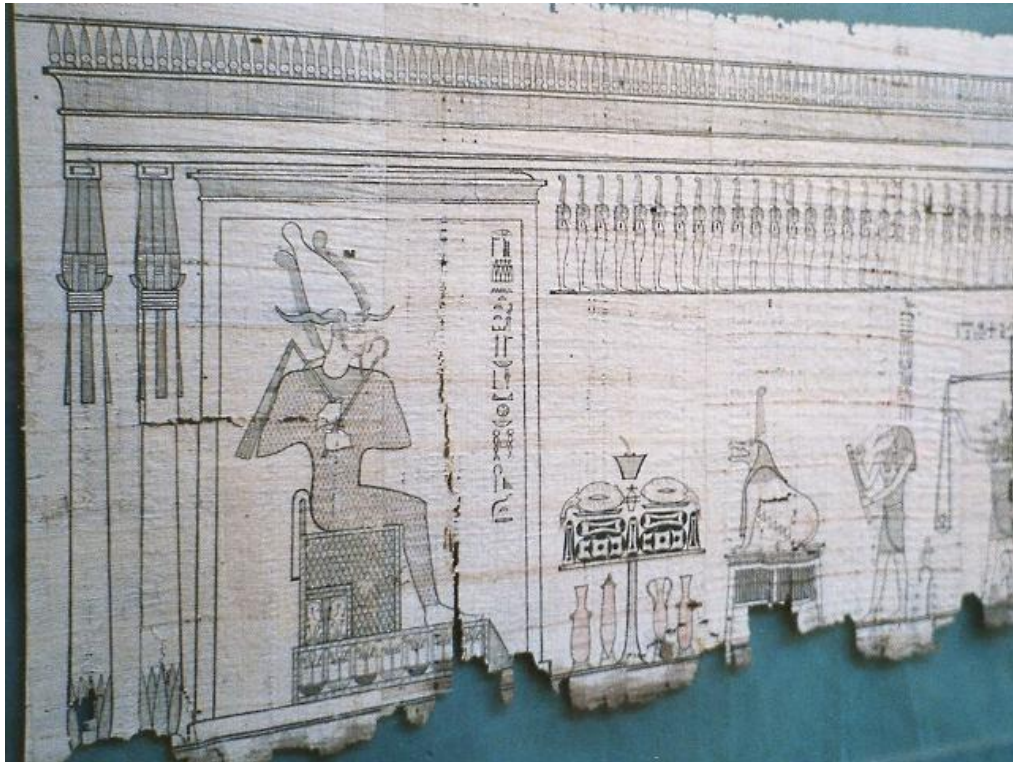
De acordo com Báez (2006), o poeta satírico Ulric Von Hutten, quando os habitantes de Mainz lhe pediram seus livros para amontoar numa fogueira, advertiu-

os: “Se queimarem meus livros, queimarei toda a cidade.” Nessa época queimarem livros era muito comum, mas também existia os seus defensores.

A seguir, duas figuras demonstram a memória que pode ser apreendida a partir de documentos históricos. A primeira delas é a imagem de um papiro, que mostra o deus Osiris e a pesagem do coração, que está no Museu Egípcio, em Cairo, Egito. A segunda imagem mostra a Plimpton 322, tabuleta babilônica que lista alguns cálculos de Pitágoras.

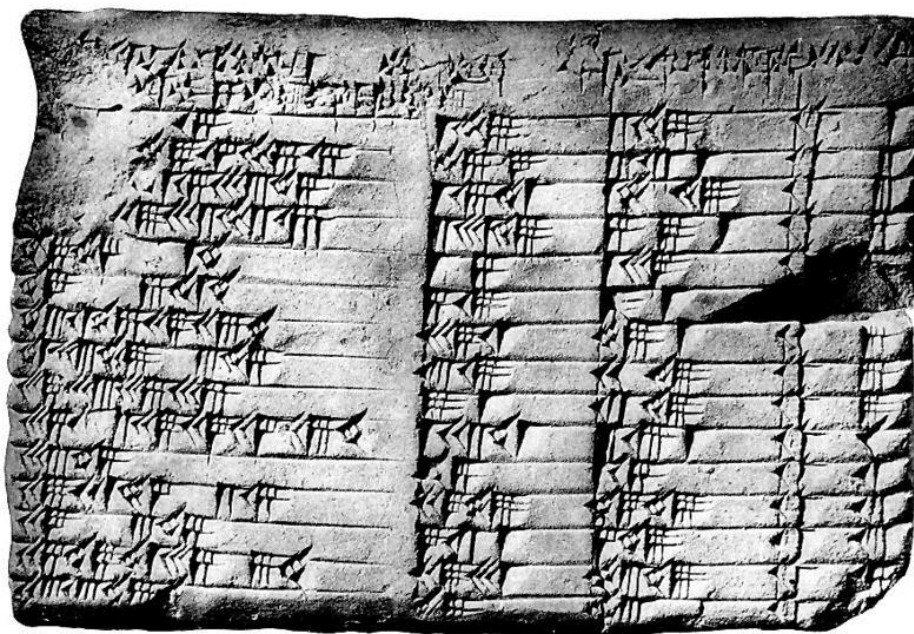


Figura 4 - Antique papyrus, showing the god Osiris and the weighing of the heart.



Fonte: Egyptian Museum, Cairo, Egypt. Foto registrada por Hajor, dez .2002. 640 x 480 pixels, 72 KB, jpeg.

Figura 5 - Plimpton 322, Babylonian tablet listing pythagorean triples.



Fonte: 907 x 629 pixels, 293 KB, jpeg. Imagem disponível em:  
<<http://www.math.ubc.ca/~cass/courses/m446-03/pl322/pl322.html>>.

De acordo com Báez (2006), durante duzentos anos - de 550 a 750 - a Idade Média passou por um momento obscuro, onde nenhum livro, mesmo os clássicos, não só não eram copiados como também eram apagados. Dessa maneira nasceram os palimpsestos que eram manuscritos em que texto original era apagado para ser escrito um novo texto por cima.

A Idade Média é vista sob dois ângulos opostos um deles é em relação à conhecida Idade Média romântica, que já foi retratada diversas vezes no cinema, o outro ângulo é das invasões bárbaras (BAÉZ, 2006).

A Idade Média se iniciou com as invasões germânicas no século V. No entanto, nessa passagem da antiguidade para a Idade Média, não houve muitas mudanças, pois não introduziram uma nova forma de governo, apenas substituíram o velho Estado Romano unificado por uma pluralidade de estados.

No final do período medieval foi marcado pelas heresias (erro religioso em que se persevera por vontade própria e de forma duradoura contra a verdade proclamada pela igreja) o que ocasionou a perda de muitos livros. Em 1259 os albigenses negavam os sacramentos então o papa Inocêncio III autorizou cruzadas contra eles além das matanças, os soldados queimavam seus escritos. Além disso, em Paris se tomou a decisão de proibir a leitura dos livros de física e se queimaram

exemplares dos livros de David de Dinant e dos chamados Livros gauleses. (BÁEZ, 2006).

## 2.5 Bibliotecário na Idade Média

Os bibliotecários vão surgir no período medieval somente na Baixa Idade Média, pois, até então o livro não tinha uma existência social foi só após o Renascimento (1300 - 1700) o bibliotecário passa a existir. Além disso, “é a Renascença que vai lhe dar a sua fisionomia exata, que o colocará no plano que lhe é próprio” (MARTINS, 2001, p.332).

De acordo com Martins (2001, p. 332) “o livro vai ser o sinal mais característico da civilização ocidental; o Bibliotecário, como personagem autônomo na comunidade, fará também a sua parição”. E isso não acontece no período anterior, a baixa Idade Média, porque o livro é tido como algo raro e não são todas as pessoas que tinham acesso ao livro.

Martins (2001, p. 332) ainda afirma “o Bibliotecário é um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais”. Como podemos ver esse Bibliotecário do período medieval nada se parece com o que existe atualmente, mas vale lembrar que as universidades estavam a recém surgindo também.

Segundo Paiva (2008, p. 23), “destacamos o trabalho exercido pelo librarius – archaeographus – bibliator – scriptor – graphiarus ou simplesmente o antiquarius (o mais vulgar), ou seja, o copista que no decorrer da história, desde os primórdios da Antiguidade, os bibliotecários eram a memória viva de reis e clérigos”. E na maioria das vezes o profissional copista, mais tarde veio a ser o Bibliotecário, era parte do clero e os jovens vocacionados a vida religiosa tinham nos mosteiros uma disciplina que ensinava a ser um copista (PAIVA, 2008, p.23).

Uma abordagem emanentista da história exposta possibilita compreender o poder dos bibliotecários como guardiões da memória, ao impedir a aproximação de leitores de textos considerados impuros e impróprios. Mas permite igualmente identificar de que forma a ordem moral e religiosa se reveste de significações intencionais para justificar e naturalizar a censura por parte do regime eclesiástico (LE GOLF, 1993, p. 122).

De acordo com Castro (2006, p. 4), “o bibliotecário é o profissional que constrói arqueologias para tratar, organizar, conservar e divulgar os objetos que armazena”.

### 3 METODOLOGIA

A seguir é exposto o delineamento desta pesquisa, bem como instrumentos, procedimento de coleta de dados, corpus de pesquisa, descrição, análise interpretação dos dados.

#### 3.1 Tipologia, método, abordagem e instrumentos de pesquisa

a) com relação quanto à abordagem: é uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Severino (2015, p. 118), “a pesquisa qualitativa faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.”;

b) quanto à natureza: é básica, visto que não tem vistas a subsidiar outros estudos;

c) quanto aos objetivos: é exploratória, visa explorar um tema pouco discutido na área de biblioteconomia e da ciência da Informação. Severino (2015, p. 119) afirma que “a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.”;

d) e quanto aos procedimentos: a pesquisa é bibliográfica, porque investiga comunicações científicas, que segundo Gil (2007) é um tipo de pesquisa a qual se buscam ideologias e análises teóricas em torno de um problema.

Como se trata de uma pesquisa bibliográfica, realizada com busca de referenciais teóricos em artigos científicos e livros, os instrumentos de pesquisa foram: a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); o Google Acadêmico; e o Catálogo de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande (SiB-FURG).

A BRAPCI é o produto de informação do projeto de pesquisa, denominado “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, cuja proposta tem sido o subsídio de estudos e propostas na área de Ciência da Informação. É gerenciada pela Universidade Federal do Paraná. (PBCIB, 2017). O Google Acadêmico reúne artigos

da comunidade acadêmica onde qualquer estudante pode depositar o seu artigo. Essas duas ferramentas, BRAPCI e Google Acadêmico, subsidiaram o acesso a todos os artigos científicos deste trabalho.

O SiB-FURG foi utilizado para acesso a todos os livros utilizados nesta pesquisa, todos pertencentes à Biblioteca Central, no campus Carreiros.

### **3.2 Procedimentos de coleta de dados e corpus de pesquisa**

Durante uma pesquisa de dados no Google Acadêmico foi encontrado o texto de Santos (2009) que seria a base para esta pesquisa, junto ao livro de Baéz (2006) localizado através do SiB-FURG. Sobre o tema pretendido, a destruição de bibliotecas no período da Idade Média, esses foram os textos mais completos encontrados, no sentido de trazer mais elementos sobre as bibliotecas que estiveram presentes durante essa fase histórica. Basicamente, Santos (2009) aborda, em seu texto, as bibliotecas existentes no período medieval, com algumas características e períodos de sobrevivência e Báez (2006) traz características de algumas bibliotecas existentes no mesmo período.

Encontrados os textos bases, a pesquisa seguiu verificando em artigos científicos e livros quais das bibliotecas mencionadas sofreram algum tipo de dano durante a era medieval. Foram buscadas as características das bibliotecas como um todo, os motivos que levaram a destruição, parcial ou total, e os tipos de perda delas.

A coleta de dados na BRAPCI com o termo “Idade Média”, entre aspas, utilizando-se o campo “todos campos” de busca, obteve trinta e seis resultados. Dentro desse *corpus* de busca, se aplicou outros termos, tais como “destruição de livro” e “conflito ideológico”. Para o primeiro termo, não se obteve resultados de busca. O segundo termo remeteu a três resultados, dos quais se tratavam de conflitos contemporâneos e por isso foram descartados. Houve revocação de busca, na BRAPCI, visto que o artigo de Santos (2009), não apareceu como resultado, mesmo sendo publicado em periódico de Ciência da Informação e biblioteconomia.

O corpus restante, com trinta e três artigos, não foi aproveitado no todo. Apenas três foram utilizados nesta pesquisa, que mencionavam o período da Idade Média, dando algumas características das bibliotecas da época, da política, do

ensino e da cultura. Esses foram: Castro (2006), Morigi (2005) e Santos (2009).

### **3.3 Descrição, análise e interpretação dos dados**

Nesta pesquisa foram mencionadas por Santos (2009) e Baéz (2006) muitas bibliotecas, mas que foram destruídas antes da Idade Média ou após, mas só interessa o período medieval.

O texto dos Santos (2009) menciona algumas bibliotecas da antiguidade, sendo que parte das mencionadas descartou-se após analisar cada uma, de se descobrir que não vingaram até a Idade Média. Apenas a Biblioteca de Alexandria esteve presente durante o período medieval e vários fatores levaram a sua destruição.

Entretanto, somente uma biblioteca não seria suficiente para essa pesquisa. Continuando a busca, no catálogo do Sib-FURG encontrou-se o livro do Báez (2006) que mencionava mais treze bibliotecas presentes e destruídas no período da Idade Média que são: Biblioteca de Monte Cassiano, Biblioteca de Cesaréia, Biblioteca do Conde Laurêncio, Biblioteca Al Hakam, Biblioteca Pico dela Miranda, Biblioteca Alamut, Biblioteca Gregório I, Biblioteca Fulda, Biblioteca Glastonbury, Biblioteca do mosteiro de Megapisleon, Biblioteca da igreja de Todos os Santos, Biblioteca Cantuária e Biblioteca Eustacio Boilas.

Nessas bibliotecas o primeiro passo foi identificar as bibliotecas danificados no período da Idade Média, a partir disso se buscou discriminar as características dessas bibliotecas, no sentido de peculiaridades dos seus livros, do local físico onde se encontram, do desenvolvimento e de seus administradores, por último se descreveu os tipos de perda nessas bibliotecas e os motivos.

A maioria dessas bibliotecas eram do tipo particulares, o que era muito comum no período medieval. Muitas desses tipos de bibliotecas eram destruídas pelas famílias dos proprietários, quando ele morria. Esse é um sério problema, se tratando de uma biblioteca particular, se fosse uma pública só mudaria o seu gestor e não teria o “pensando sobre” o que fazer com a biblioteca, após a morte do seu proprietário. Muitos não sabiam ler nessa época, o que dificultava a tomada de decisão em relação ao que fazer com os livros do titular morto.

As demais bibliotecas foram destruídas por outros motivos e foram investigados a partir de livros e artigos científicos. A discussão sobre as perdas das quatorze bibliotecas apresentadas pelos dois autores está na seção seguinte.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa mostrou a que em vários momentos do período histórico da Idade Média em que o livro foi alvo de perseguição devido a forte censura da época. No período medieval algumas bibliotecas tiveram perdas parciais ou até mesmo ser destruída completamente.

Foi feito um levantamento da destruição das bibliotecas na Idade Média no período entre os séculos V até XV (476-1492). Tendo sido encontrados muitos relatos de bibliotecas destruídas por conflitos ideológicos, incêndios, terremotos e inundações.

Um dos motivos foi pelos textos terem frases que pudessem prejudicar aos donos de terra, que detinham o poder político na época. Outro motivo foi a proibição a certos livros, realizada pela Igreja, cuja afirmação seria de que os hereges tinham livros que continham conteúdo imoral (BÁEZ, 2006).

Antes da Idade Média o Constantino I, imperador romano, fez um levantamento que apontava de 350 existiam 28 bibliotecas em Roma, entretanto nenhuma dessas sobreviveu (BAÉZ, 2006), no entanto poderiam existir livros dos quais não se tem conhecimento para esse período, o apontamento de Baéz (2006) se deve ao fato que Roma se encontrava devastada por diversos ataques.

Na Idade Média muitos livros desapareceram durante as invasões dos bárbaros. A primeira biblioteca destruída nesse período foi por uma inundação em Tiber, em 589, era uma pequena biblioteca que o Gregório I criou no Palácio Laterano em Roma (BAÉZ, 2006).

A Biblioteca Fulda, a mais dotada da Alemanha, é da época carolíngia, mas devido a ataques durante a guerra dos Trinta anos foi sofrendo vários estragos até deixar de existir.

A Biblioteca de Monte Cassiano, fundada na Itália, foi invadida em 585 pelos Lombardos resultando em vários livros destruídos. A mesma biblioteca, no século IX, foi queimada pelos sarracenos.

Nos primeiros anos da Idade Média, um clérigo espanhol, de Saragoça, chamado Vicente, enfrentou um juiz que pretendia destruir os livros de sua seita. Depois de uma luta inútil, gritou “ o fogo com que você ameaça as letras sagradas queimará você mesmo com um ato de justiça”. (BAEZ, 2006, p. 116)

De acordo com Baéz (2006), Orígenes fundou na Palestina a Biblioteca de Cesaréia, que, incrementada com o trabalho de seu aluno Pânfilo (230 - 310), distribuiu Bíblias em todo o mundo até a sua destruição em 637.

A biblioteca mais famosa da Idade Média, Alexandria que teve sua origem em 280 a. C. e foi destruída em 642 d.C., todavia, antes dela ser destruída ela possuía Obras nos depósitos setecentos mil rolos, 42.800 manuscritos no Serapeum e 490 mil no museu, dos quais quatrocentos mil estavam editados e noventa mil aguardavam edição.

Há muitas hipóteses quanto a como a Biblioteca de Alexandria foi destruída, alguns dizem que foram os cristãos outros já acham que foram os árabes. Mas o Baéz (2006) aponta três hipóteses:

1. Os Romanos. Durante uma rebelião em Alexandria ocorrida em 215 as tropas romanas de Caracala saquearam o museu. Em 272, quando a rainha Zenóbia de Palmira atacou Alexandria, as perseguições contra bibliotecários e livros foram impiedosas. Outros acontecimentos envolvendo os Romanos destruíram parte do seu acervo, mas como foi no período anterior a Idade Média deixaremos de lado.
2. Um Terremoto. Pelo menos 23 terremotos assolaram Alexandria entre 320 e 1303. No verão de 365, um terremoto devastador acabou com muitos prédios. Sendo encontradas nas águas do Porto centenas de objetos e pedaços de colunas que demonstram que parte de Alexandria foi submersa.
3. A negligência. Os diversos embates políticos resultaram na falta de orçamento e interesse pelas atividades da biblioteca. Os bibliotecários saíram em busca de cidades mais tranquilas, como Roma, para nomear uma delas, e o trabalho de cópia foi progressivamente abandonado. (BAÉZ, 2006, p. 72)

Martins (1996) afirma, quando os árabes, liderados por Omar, tomaram Alexandria, em 640, de há muito havia desaparecido a mais célebre de todas as Bibliotecas da Antiguidade.

Em 730 um incêndio devastou toda a biblioteca particular de Eustacio Boilas. Mas, em 1117 foi descoberto que a igreja da Armênia tinha duas ou três heresias ocultas nas obras do ortodoxo São Cirilo o que provocou a destruição destes exemplares (BAÉZ, 2006).

No século VII existia em Toledo uma Biblioteca de propriedade de um conde chamado Laurêncio, cuja morte significou o fim dos livros. Outra Biblioteca particular foi a Biblioteca do Al Hakam que decidiu fundar em Córdoba a biblioteca mais

importante de toda a Europa medieval assim sendo ele adquiriu textos raros e enviou mensageiros para divulgar seu desejo de obter reproduções dos melhores livros do mundo. Além disso, ele lia os livros e ainda colocava detalhes do autor no início e no fim do livro, mas em 981 ele faleceu e como seu filho era menor de idade perdeu o poder para o Almançor que era um escritor frustrado que ordenou que queimassem todos os livros da biblioteca menos os que eram sagrados para os muçulmanos (BAÉZ, 2006).

A Biblioteca Cantuária, durante um incêndio em 1067, perdeu vários exemplares que ficaram convertidos em cinzas. (BÁEZ, 2006).

A Biblioteca Glastonbury contava com uma biblioteca respeitável em 1184, mas um intenso fogo queimou dezenas de exemplares. (BÁEZ, 2006).

A Biblioteca de Alamut foi destruída em 1256 durante um ataque, mas algumas de suas obras foram roubadas antes dela ser destruída. (BÁEZ, 2006).

Inclusive a biblioteca de Alamut continha centenas de documentos comprometedores para metade dos grandes líderes do mundo árabe. Mas, foi destruída em 1256 junto com a fortaleza num ataque. Todavia, o camarista de Hulagu, um rei árabe, examinou os livros e percebeu que além de livros religiosos havia também uma grande quantidade de livros de poesia e tratados de astronomia que mandou levar alguns a cavalo. (BÁEZ, 2006).

Somente no ano de 1281 a população reagiu quanto à destruição de um volume que foi o livro *Philobiblion*, de Richard Bury, cujo autor era proprietário de uma das maiores bibliotecas do seu tempo (BÁEZ, 2006).

Em 31 de maio de 1310, Marguerite Porete não aceitava a sua condição de mulher e foi condenada à morte e no dia 1º de junho ela foi queimada junto com os seus livros de amor místico. E em 1322 Lolardo Waltero também foi queimado junto com os seus livros. (BÁEZ, 2006).

De acordo com Baéz (2006, p. 182), “em 1318 a Biblioteca da Igreja de todos os Santos foi aniquilada.”

Segundo Baéz (2006, p. 154), a rebelião dos camponeses em 1381, na Inglaterra, caracterizou-se por uma obsessão doentia contra livros e documentos. E alguns anos à frente, mais exatamente em 1407, no antigo Vietnã durante a Invasão chinesa o Imperador ordenou que todos os livros vietnamitas fossem confiscados para, em seguida, destruí-los em Nanquim (China).

A Biblioteca do Mosteiro de Megapisleon foi completamente queimada no ano de 1440, mas em 1666 a biblioteca foi restaurada, porém novamente foi destruída pelas chamas.

A Biblioteca de Pico dela Mirandola, com a sua riqueza permitiu formar uma biblioteca imensa em 1487 catalogada em 1.191 títulos sobre magia, filosofia, religião, cabala, história e matemática, em latim, grego, hebraico, caldeu e árabe. E em cada livro tinha do excêntrico dono que nunca foi um leitor passivo. Mas, com a sua morte os livros foram comprados pelo cardeal Domenico Grimani que queria ter nas mãos obras de Homero, Platão, Euclides, Aristóteles, Sexto Empírico, Averróis, Ramon Llull, Leonardo de Pisa. Porém, em seu leito de morte em 1523 doou os textos a biblioteca do mosteiro veneziano de Santo Antônio até que num incêndio reduziu tudo a cinzas (BAÉZ, 2006).

De acordo com Santos (2009), a Biblioteca de Alexandria foi criada em 280 a.C. a 642 d.C., A Biblioteca de Alexandria reuniu o maior acervo de cultura e ciência da antiguidade. Martins afirma (1996), a Biblioteca de Alexandria ostentava a singularidade de possuir manuscritos únicos de grande número de obras da antiguidade que com ela desapareceram.

A biblioteca foi destruída em três ocasiões na Idade Média: em 272 d.C., quando o imperador Aureliano devastou o Brunquión na guerra contra a famigerada Zenóbia, Rainha de Palmira; em 392, quando o Imperador Teodósio I, com a colaboração de Teófilo, Patriarca de Alexandria, arrasou-a juntamente com outros edifícios pagãos e em 642, pelos muçulmanos sob a chefia do califa Omar I. (SOUZA, 2005).

Bibliotecas	Perda
Biblioteca de Monte Cassiano	Queimada Totalmente após Ataques
Biblioteca de Cesaréia	Não menciona como foi destruída
Biblioteca do Conde Laurêncio	Chegou ao fim após a morte do seu proprietário
Biblioteca Al Hakam	Queimada após a morte do seu proprietário
Biblioteca Pico dela Miranda	Queimada Totalmente após a morte do seu proprietário
Biblioteca Alamut	Destruída Totalmente em Ataque
Biblioteca Gregório I	Destruída numa Inundação

Biblioteca Fulda	Destruída Totalmente em ataques
Biblioteca Glastonbury	Queimada Parcialmente
Biblioteca do mosteiro de Megapisleon	Queimada Totalmente duas vezes
Biblioteca da igreja de Todos os Santos	Queimada Totalmente
Biblioteca Cantuária	Queimada parcialmente
Biblioteca Eustacio Boilas	Queimada Totalmente
Biblioteca de Alexandria	Três hipóteses para as destruições: terremotos, negligência e ataques bárbaros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro História universal da destruição dos livros do Fernando Báez (2006), foi essencial para os objetivos desse trabalho fossem concluídos. Em outras fontes os autores mencionaram as bibliotecas do período medieval, mas sobre a parte da destruição delas não é mencionado nada. E como objetivo do trabalho era investigar a destruição não seria viável sem esse livro.

Quando houve a preposição de se estudar este tema não acreditava que ia encontrar uma quantidade expressiva de Bibliotecas destruídas na Idade Média por se tratar de um período que primeiro não tem muitas fontes que relacione Biblioteca com a Idade Média, segundo por se tratar de um período que se passou a muito tempo. Mas, acredito que o número de bibliotecas encontradas é suficiente para se ter uma ideia do período.

A Idade Média é um período da histórica que alguns historiadores mencionam ela como um período de romantismo, mas acredito que a principal característica dessa era seria os ataques bárbaros porque devido a eles vários livros e Bibliotecas foram destruídas. Todavia, não só pela a parte da memória, mas também por gerar o caos e ocasionando perdas humanas.

Durante a pesquisa foi encontrada duas Bibliotecas a de Nínive e a de Pérgamo que levantaram muitas dúvidas sobre o período em que elas estavam inseridas, pois, as informações sobre elas eram muito vagas. Porém, após consultar muitas fontes se chegou à conclusão que elas não eram pertinentes para a pesquisa por não estarem inseridas ou destruídas na Idade Média.

Um fator negativo observado nessa pesquisa referente as Bibliotecas particulares é que com a morte do seu proprietário de uma maneira ou outra a biblioteca não consegue sobreviver. E não se tratava de uma coleção pequena, mas sim nos casos citados a quantidade de exemplares existente nas bibliotecas particulares era um número considerável.

No início da pesquisa se imaginou que teria um número considerável de bibliotecas destruídas pelos ataques bárbaros, entretanto se chegou a conclusão pelos dados encontrados que a maioria das bibliotecas mencionadas neste trabalho foi destruída parcialmente ou completamente devido a incêndios. Todavia, as informações sobre elas são escassas porque não se tem uma explicação sobre o Incêndio então acabamos não sabendo se ele foi causado devido a ataques ou

outros motivos:

Entretanto, dentre estas bibliotecas a que se destaca é a de Alexandria por ser a mais volumosa e esplendorosa. Mas, também por ser a Biblioteca com mais tempo de “sobrevivência”.

## REFERÊNCIAS

ARNALDI, Girolamo. Igreja e o papado. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. V. 1. Bauru, São Paulo: EDUC / Imprensa oficial do estado, 2002, p. 567-589.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 437 p. Tradução de Léo Schlafman.

BATISTA NETO, Jônatas. **História da Baixa Idade Média 1066-1453**. São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/idademedia/baixa\\_idade\\_media.htm](https://www.suapesquisa.com/idademedia/baixa_idade_media.htm)>. Acesso em: 07 nov. 2017.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 224 p.

BRAGA, Maria de Fátima Almeida. Práticas Leitoras. VIII ENCONTRO HUMANÍSTICO. Práticas Leitoras. 2008. (Encontro). Disponível em: <<http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/EH/VIII/Maria%20Fatima%20Braga.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

CASTIEL, L. D; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. **Precariedades do excesso**: informação e comunicação em saúde coletiva. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, 2006, p.01-20. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2026/2148>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CAVALLINI, Ricardo. **As editoras continuam perdidas diante do e-book**. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2010/04/12/as-editoras-continuam-perdidas-em-relacao-ao-e-book/>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

CHAGAS, Flomar Ambrosina Oliveira. **A Idade do Livro e o Silêncio da Biblioteca**. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010, 253 f.

CHARTIER, Roger. A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador. **Conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.

CRIPPA, Guília. **Um Bibliotecário em sua Biblioteca**: Cassiodoro e os leitores na Idade Média. Disponível em: <[www.fafich.ufgm.br/~memorandum/artigos07/artigo04.pdf](http://www.fafich.ufgm.br/~memorandum/artigos07/artigo04.pdf)>. Acesso em: 15 abr.



2017.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Edição Especial (40 anos, 40 livros). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 584 pp.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: O nascimento do Ocidente**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FEBVRE, L.; MARTIN, H.J. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. (Coleção Temas Sociais). Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-29.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: AS VISÕES DE BIBLIOTECA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO. **Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 10, n. 2, p.189-206, 2005. Disponível em: <<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

OLIVEIRA, Leivison Silva; SOUSA, Maria do Socorro Neri de. **O Labirinto: Um olhar sobre a Biblioteca da Baixa Idade Média**. Disponível em: <[http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/652/1/2008\\_MariaSocorroSousa\\_LeivisonOliveira.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/652/1/2008_MariaSocorroSousa_LeivisonOliveira.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2011.

PAIVA, Eliane Bezerra; LOPES, Maria Gorette. **Biblioteca Religiosa e Biblioteca Medieval: encontro em "O Nome da Rosa"**. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Ciência da Informação Ccsa/UFPB, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008. 11 f.

PBCIB. Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação. Pbcib: **Pesquisa Brasileira em ciência da informação e Biblioteconomia**, Paraíba. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/6223>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.175-189, 2012. Semestral. Disponível em: <[http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/\\_repositorio/2015/12/pdf\\_ab27d79df9\\_0000012262.pdf](http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_ab27d79df9_0000012262.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: Do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002. 547 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. BIBLIOTECAS: metáforas da memória. **Enc. Bibli.:** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 21, mar. 2006, p.87.

WOODS, Thomas E. Jr. Ph. D. **How the Catholic Church built Western Civilization**, Regnery Publishing Inc., Washington D. C., 2005, 280 pp.